

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 396 | vol. 24 | 2026



**É preciso sair da ilha para vê-la:
uma jornada de desconstrução sionista**

Bruno Hendler

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 396 | vol. 24 | 2026

**É preciso sair da ilha para vê-la:
uma jornada de desconstrução
sionista**

Bruno Hendler

Professor adjunto do curso de graduação em Relações Internacionais
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Professor da Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais
(PPGEEI-UFRGS)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 396 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Rawpixel

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Revisão: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista

Bruno Hendler

Professor adjunto do curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Professor da Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI-UFRGS)

O texto a seguir é uma adaptação de um artigo publicado em maio de 2026 no sítio Outras Palavras, sob o título *Os judeus que dizem não ao sionismo*.

Eu fui um jovem atraído pelo espírito do israelismo e hoje, aos 38 anos, chego ao ponto final da dissociação entre minha identidade judaica (ou judaicidade) e o sionismo. Essa jornada pessoal, vivida também por outros judeus, não começou em outubro de 2023, mas foi certamente acelerada pelo que se sucedeu desde então.

Para quem tem parentes, amigos e memórias afetivas em Israel, o primeiro sentimento após o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 foi o de choque. As imagens que surgiam eram fortes e você pensa em quem mora lá. Mas há algo mais: a sensação de perda de um parente, ainda que desconhecido. As vítimas são nomes e rostos familiares, daqueles que você bate o olho e pensa que já viu em algum acampamento do movimento juvenil, que já jogaram futebol juntos no clube ou que já se esbarraram em alguma festa ou sinagoga.

Ao ver as fotos e os nomes dos israelenses mortos e sequestrados, o meu sentimento de tristeza foi particular. É fácil ser contra a violência em abstrato, mas no mundo real, ver um judeu ser morto de forma violenta foi como ver a morte de alguém da minha própria família. Não é algo que me orgulhe. Tenho plena consciência de que os palestinos vivem um 7 de outubro todos os dias, mas é com tal confissão que começo esta autoetnografia de botequim em que descrevo as etapas pelas quais passei para desconstruir minha relação com o sionismo.

1. CONSUMO FRENÉTICO DE INFORMAÇÃO

Passei os últimos anos consumindo de forma frenética o que se produziu sobre o assunto. Canais de YouTube, *podcasts*, mídia convencional, mídia alternativa, livros, artigos. No primeiro momento, minha obsessão era com o agora. Acompanhei a incursão a Gaza e temia que a coisa tomasse a forma que tomou.

Recebi visita do meu pai naquele fim de semana de outubro de 2023. Lembro de termos (mais) uma discussão infinita sobre o assunto. Ele, na linha do sionismo liberal, entendia aquilo como fruto do fundamentalismo islâmico, do antissemitismo e da barbárie do Hamas. Eu dizia que era preciso voltar no tempo e entender de onde veio o ataque. Que não se colhe paz plantando a brutalidade típica das Forças de Defesa de Israel (IDF). O tom da conversa escalou até cair, inevitavelmente, no argumento que ouço com frequência e que apela para a culpa judaica: “o que seus avós, sobreviventes do Holocausto, diriam se te vissem defendendo terrorismo e antissemitismo?” A resposta viria mais tarde ao se revelar a escala do massacre: “acho que ficariam orgulhosos, pois saberiam identificar um genocídio”.

Acompanhei os bombardeios, a guerra de informação e, enfim, a guerra que descambou em genocídio. Vi os vídeos de soldados israelenses fazendo piadas e danças de TikTok com roupas de mulheres palestinas, humilhando idosos e crianças, celebrando a destruição de prédios e de bairros inteiros, executando crianças com tiros na cabeça, sequestrando e torturando médicos e outras tantas barbaridades. Vi os *hooligans* do Maccabi Tel Aviv invadirem Amsterdã no contexto de um jogo da Liga Europa, entoarem cânticos de ódio e morte aos árabes e palestinos, assediarem e coagirem moradores locais e, no dia seguinte, sofrerem uma resposta violenta – para, no fim, serem protegidos pela carta coringa do antissemitismo. Vi o plano de limpeza étnica e os projetos para novos assentamentos em Gaza entrarem no debate público em Israel e também a ideia de pagar para que palestinos emigrassem para longe

dali, como se fosse algo razoável e benevolente. E soube dos horrores perpetrados no centro de tortura de Sde Teiman, a “Guantánamo” de Israel.

2. ISRAELISMO

Simultaneamente ao horror das notícias diárias, me vi assistindo a dezenas de documentários e reportagens de antes do 7 de outubro como “The Lab” (sobre como o complexo militar-industrial israelense usa do conflito como vitrine e dos palestinos como cobaias), “Tantura” (sobre o massacre perpetrado por forças sionistas contra civis palestinos na guerra de 1948), “Five Broken Cameras” (que mostra as gravações de um palestino da Cisjordânia sobre o abuso das IDF e a resistência não violenta dos moradores locais) e tantos outros. Fui me aprofundando, aos poucos, no outro lado da história, assistindo a falas de militantes, refugiados e intelectuais palestinos. Descobri a poesia do professor Refaat Alareer e seu poema “Se eu devo morrer”,¹ assisti vídeos de suas aulas, fiquei encantado. Infelizmente, ele foi uma das vítimas do genocídio.

1 Poema traduzido para o português por Flávio Wolf de Aguiar e publicado no Blog da Boitempo.

Se eu devo morrer

Se eu devo morrer,
você deve viver
para contar minha história
para vender minhas coisas
para comprar um pedaço de pano
e alguns fios,
(faça-o branco e longo)
para que uma criança, em algum lugar de Gaza,

Porém, nenhuma obra me tocou tanto quanto “Israelism”. Este documentário mostra com maestria o processo de fusão entre as identidades dos judeus norte-americanos e Israel, formando gerações de pessoas que apoiam Israel desde a diáspora (com dinheiro, *lobby* no Congresso ou voto) ou que imigram para a terra prometida para juntar-se às IDF e povoar o país para vencer a batalha demográfica contra os palestinos. Trata-se de uma batalha cujo teor racista ficou explícito na gravação da conversa vazada de Ehud Barak com Jeffrey Epstein.

Como mostra o filme produzido por Simone Zimmerman, judia norte-americana, essa fusão começa na socialização primária da família e segue pela socialização secundária nas escolas judaicas, passa por movimentos juvenis, programas de viagem subsidiados como o *Birthright*, pelos esportes (no meu caso, indo jogar futebol nos Jogos Macabeus) e é consolidado na vida adulta comunitária, seja nas sinagogas, seja nos

enquanto olha o céu nos olhos

esperando o pai que partiu em labaredas –

e não se despede de ninguém,

nem da carne, nem da própria carne –

veja o papaventos, meu papaventos que você fez,

voando lá no alto,

e pense por um momento que há um anjo ali

trazendo o amor de volta.

Se eu devo morrer,

que isso traga esperança,

que seja uma história.

clubes sociais ou na simples convivência ensimesmada entre semelhantes, excluindo sutilmente quem é *goy*,² com raras exceções.

Mergulhei na história do conflito pelo prisma dos palestinos na medida do possível. Soube das ações terroristas das milícias judaicas antes de 1948, que não apenas atuavam pela retirada dos ingleses da Palestina, mas também pela expulsão de árabes de suas terras, fosse pela força, fosse pelo terror. Esse foi o processo mais difícil: voltar na história e descobrir que havia o outro lado para tudo o que me fora ensinado até então. “Parece que você perdeu uma perna”, disse minha esposa ao me ver transtornado com o que eu estava descobrindo e, principalmente, ao ver que se desvanecia o resquício de identificação que eu tinha com Israel. “É como se você precisasse reaprender a andar depois de perder uma perna” disse ela. Eu já sabia que Israel era um Estado criminoso, mas que era um dentre tantos. Agora eu via a excepcionalidade, a combinação de crimes que, separados, ocorrem em vários lugares, mas que, casados daquele jeito, dificilmente se encontra paralelo – seja por tempo de duração, intensidade, escala, uso da violência com tecnologia de ponta, seja por controle material e psicológico das pessoas por meio de leis de segregação.

Para além da violência direta das armas, há a violência estrutural. Uma das cenas que mais me marcou é a de um vídeo em que um *chassid* (judeu religioso) entra na casa de uma palestina em Jerusalém Oriental. A mulher palestina grita: “Yakub, você está roubando a minha casa” e o homem responde: “Se eu não fizer isso, alguém o fará. Eu não fiz isso (dando a entender que ele não criou esse sistema de segregação)”. Isso

² Termo em iídiche para gentio, quem não pertence ao povo judeu.

mostra como a lógica da ocupação opera por leis que protegem judeus e criam empecilhos para os palestinos. Retroescavadeiras que demolem casas, poços artesianos e infraestrutura em geral podem ser tão violentas quanto armas de fogo e costumam ser seguidas por barreiras legais que impedem a sua reconstrução porque palestinos carecem de permissões legais de construção em determinadas áreas da Cisjordânia.

Nessa busca por informação, descobri *Dispositivo sionista e seus descontentes*, livro da antropóloga Benernice Bento (2025). De pronto, identifiquei-me com os depoimentos dos seis judeus diaspóricos que se tornaram antissionistas e que foram entrevistados por ela. Os dispositivos sociais primários comuns a todos são o do medo do antissemitismo e o da narrativa dos judeus como vítimas eternas de perseguições ao longo da história.

Para Bento (2025), essa noção de oprimido e perseguido “impõe a obrigação ética de cada pessoa judia, em todas as partes, se manter conectada visceralmente à defesa do seu povo” e um dos seus efeitos é a “aderência em famílias, escolas e em comunidades a transformar toda pessoa judia como responsável pela sobrevivência de Israel”.

Recordo-me que a disciplina de História Judaica do último ano do ensino fundamental da Escola Israelita era focada no Holocausto. Adolescentes de 14 anos eram submetidos a sessões intensas de textos, vídeos e fotos do horror nazista e lembro de ter pesadelos terríveis me imaginando como prisioneiro nos campos de concentração. Acredito que esses métodos didáticos tenham mudado nos últimos tempos, mas sei que gerações de adolescentes judeus foram formadas com base

em uma pedagogia do trauma e do horror que reforçaram esse medo do antissemitismo onipresente e do novo Holocausto que está sempre prestes a acontecer.

Após assistir ao documentário “Israelism”, uma sensação de que eu havia sido enganado tomou conta de mim. O depoimento de um entrevistado me marcou profundamente, o qual reproduzo abaixo:

Lembro que um dia eu liguei para minha mãe e comecei a chorar com ela no telefone, falando: “Mãe, você mentiu a vida inteira, isso é tudo mentira, é tudo mentira isso que vocês falaram, a escola foi tudo mentira, o movimento juvenil foi tudo mentira. [...] Depois disso veio um pouco da raiva. (Benjamin) Inclusive, [essa verdade] tinha sido imposta para mim sem a minha autorização, ela tinha sido injetada em mim sem a minha autorização, sem nenhum momento eu ter podido dar aquiescência. É quase um sequestro de quem eu sou no mundo, e uma raiva que veio porque junto com isso veio uma raiva gigante entre, primeiro, de mim mesmo, “como eu fui burro de acreditar”, uma coisa assim de uma autocrítica muito dura comigo, “como eu fui burro de acreditar nessas coisas!”, “como é que eu acreditei nessas mentiras?!” (Bento, 2025, p. 55).

Essa mistura de sensações de raiva, burrice e vergonha descritas pelo entrevistado por ter acreditado e defendido, por tanto tempo, uma narrativa tão simplista da história me corrói até hoje. Sinto vergonha de ter levado tanto tempo para ligar os pontos. Quando fui professor de Relações Internacionais lá por 2013 e 2014, eu me colocava como judeu crítico de Israel, fazendo o *mea culpa* sobre os assentamentos, mas me agarrando ao típico discurso dos “extremos dos dois lados que impedem a paz”. Como se não houvesse um

sistema de violência estrutural que transforma adolescentes em soldados especializados em moer gente. Até mesmo esses jovens soldados são vítimas do sistema: muitos optam pelo suicídio por não suportar os crimes que cometeram e aqueles que rejeitam o serviço militar não apenas são presos por alguns meses como também enfrentam barreiras jurídicas e sociais em suas vidas dali em diante por serem *refuseniks*.

Mas essa jornada pessoal de desconstrução começou muito antes do 7 de outubro. Fiz *aliá*³ em 2006 e morei apenas seis meses em Israel, mas eu gosto de ouvir música em hebraico e de falar a língua. É um idioma lindo, histórico e primitivo no bom sentido. As frases são diretas e matemáticas, a raiz da mesma palavra pode ser flexionada para ser substantivo ou verbo, muitas vezes o nome das coisas explica a função delas, é genial. No *Ullpan*⁴ em um kibutz aprendi a gostar do hebraico, me conectava com as pessoas, com a terra, com a toponímia. Apenas muito tempo depois fui descobrir que os lugares já tinham nomes em árabe e foram rebatizados para o hebraico. Essa é a tal da violência simbólica, que vai além da direta e da estrutural.

Fiz *aliá* com 19 anos, numa fase da vida em que ainda não sabemos direito o que queremos. Meus pais eram curtos de grana e eu não estava satisfeito com a escolha de estudar Direito. Depois de uma experiência quase perfeita de um mês em Israel como turista (quase perfeita porque nosso time de futebol foi eliminado na primeira fase da Macabíadas de 2005), decidi abraçar a imigração. Uma palestra, um papo com representante

3 Processo de imigração para Israel baseado na Lei do Retorno, que significa que todo judeu tem direito a morar no país e a ter direitos plenos de cidadania.

4 Curso de hebraico.

da *Sochnut*,⁵ ajuste da papelada e pronto: lá estava eu, embarcando só com passagem de ida paga por Israel e tendo mais direitos e assistência do governo do que os árabes que viviam na região há séculos.

Fiz *Ulpan* e adquiri fluência no idioma, conheci outros *olim chadashim*⁶ latinos, norte-americanos, europeus e, principalmente, pessoas do mundo pós-soviético. A batalha demográfica para superar a população árabe era evidente: a maioria dos russos, ucranianos e centro-asiáticos que lá estavam não eram judeus, alguns até usavam crucifixo e outros adereços cristãos. Quando fui a um bar de *strip-tease* em Haifa com os amigos do *Ulpan*, percebi que as mulheres eram, em grande maioria, eslavas e por minha cabeça de adolescente passava de tudo, menos que eu estava diante de um cenário de tráfico de pessoas, mais especificamente de mulheres apelidadas pejorativamente de *natashas*. Mas ali estava claro que qualquer nacionalidade e religião servia para engrossar a demografia israelense em oposição à palestina. Aliás, conheci também muitos americanos e canadenses judeus que imigraram especificamente para servir ao exército de Israel por ideologia – o puro suco de israelismo.

Antes da *aliá*, disseram que se você vai para a faculdade, pode dar um jeitinho de não ir para o exército mesmo estando em idade militar. Chegando lá, descobri que não existe jeitinho para isso. Eu olhava para um lado, para outro, conversava com quem estava no exército, ouvia as histórias das incursões na Cisjordânia, de como os próprios soldados invadiam as casas das pessoas e permaneciam em estado de tensão. Anos depois, um amigo de infância que serviu às IDF contou

5 Agência Judaica para Israel.

6 Novos imigrantes.

uma prática comum nas incursões: conversar com um palestino e fingir ser seu amigo em público para que os vizinhos o vejam como espião israelense, deixando-o em maus lençóis. Não havia qualquer razão de segurança para isso, apenas o esporte da humilhação e do constrangimento.

No fim de seis meses, vi que aquilo não era para mim. Fiquei com medo? Talvez. Mas acredito que teve mais a ver com enxergar um país e uma perspectiva de vida muito diferentes daquela que haviam me vendido. Voltei, me formei em Relações Internacionais e fiz carreira como professor da área. Evitei estudar Oriente Médio porque sabia que meu olhar seria enviesado e pouco científico e acabei focando em China e Sudeste Asiático, mas essa é outra história.

Ainda sobre a *aliá*: não há um único conhecido meu que tenha imigrado por conta de antissemitismo. Todos, sem exceção, o fizeram por oportunidades de trabalho, para fugir da violência urbana no Brasil ou porque já tinham familiares por lá. Reconheço que Israel teve sua função histórica de servir de abrigo às vítimas do antissemitismo europeu, mas o que mais se viu desde então são ondas de imigração por motivos econômicos, como judeus argentinos nos anos 1990 e eslavos em geral após o fim da URSS, ou por ideologia no caso de norte-americanos e ocidentais em geral.

3. DO SIONISMO LIBERAL AO ANTISSIONISMO

Duas fases da minha vida são importantes aqui: a do sionista liberal não praticante e, depois, a do não sionista e crítico de Israel. Ainda tenho dificuldade em superar a barreira de me identificar como antissio-

nista, mas explico isso mais adiante. A fase de sionista liberal, entre meus 20 e 30 anos, já foi abordada. Israel tornou-se cada vez menos importante na minha vida, eu já divergia de amigos judeus em muitos pontos, mas fora desse círculo eu ainda fazia a linha do “veja bem, Israel também precisa se defender e está cercado de inimigos”. Ali começou o meu limbo de identidade: não me encaixava na visão judaica predominante, mas o microcosmo das relações internacionais era mais crítico a Israel do que eu. Ainda ressoava em mim o mantra de que os críticos de Israel eram, no fundo, antissemitas, embora eu concordasse com boa parte dos seus argumentos.

Quando morei no Rio de Janeiro em função do doutorado no PEPI-UFRJ (nos idos de 2015 e 2016) passei a frequentar o Hillel, que é uma espécie de centro cultural para a juventude judaica com pitadas nada modestas de sionismo. Ainda assim, assisti a palestras, me conectei com pessoas interessantes e vi que a judaicidade ia muito além de Israel. Inclusive, aprendi muito sobre a história judaica no Rio, suas várias sinagogas, a mistura de sefaradim e ashkenazim e descobri instituições progressistas como a Associação Scholem Aleichem (ASA). Enfim, uma variedade cultural e ideológica inédita para quem vinha de Curitiba.

Talvez a eleição de Bolsonaro em 2018 tenha sido o gatilho para o meu salto antissionista. Eu estava com 31 anos, recém-empossado como professor de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e via a maior parte das instituições judaicas do Brasil se dobrarem à extrema-direita, pois Bolsonaro era “amigo de Israel”, havia vários judeus no seu governo e ele recebera Netanyahu com altas honrarias

diplomáticas. As barbaridades que Israel aplicava na população civil palestina agora serviam de inspiração para o novo governo brasileiro: punitivismo, fanatismo religioso, militarização da sociedade, caça às bruxas ideológica e perseguição a minorias. Mais do que isso, no Brasil se viam vocabulário e ideias nazistas no próprio slogan do governo: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*. Era o *Deutschland über alles* dos trópicos. E essas ideias não ficaram apenas no papel. Durante a pandemia, houve o uso de idosos como cobaias para o kit covid (caso da Prevent Sênior) e a negligência dolosa na proteção de povos indígenas que culminou na acusação de genocídio, além da militarização do governo, da guerra contra as universidades federais e outras coisas assombrosas.

Eu ouvia de parentes que haviam perdido entes queridos para a covid o argumento de que votaram em Bolsonaro não apenas em 2018, mas também em 2022 por conta da proximidade com Israel. Eu só conseguia pensar: como é possível a pessoa votar duas vezes em Bolsonaro mesmo depois de perder um ente querido em decorrência da gestão criminosa da pandemia? Mais do que indignado, eu fiquei embasbacado ao ver que nem a morte de um familiar abalava a identidade construída ao longo da vida. Detalhe: o falecido se recusara a tomar a vacina em função da orientação do presidente.

O fato de as instituições judaicas não se oporem a um Bolsonaro “amigo de Israel e dos judeus”, mas inimigo de outras minorias, me embrulhou o estômago. Ali ficava claro que o “nunca mais” em referência ao Holocausto servia apenas para os judeus, não era a defesa de um “nunca mais” para outras minorias. Isso

porque, no Brasil, os judeus foram “embranquecidos” e deixaram de ser alvo preferencial da perseguição do Estado. Há ilustres e honrosas exceções ao abraço entre a comunidade judaica e a extrema-direita, principalmente entre intelectuais, artistas e pessoas progressistas. Mas, em geral, a rua judaica via Bolsonaro como a alternativa menos pior em relação a Lula por conta de sua política externa supostamente antissemita disfarçada de pró-Palestina.

Passei a me posicionar contra Bolsonaro e sua aliança simbólica e material com Israel. Nunca fui muito ativo nas redes sociais e este não é meu tema de pesquisa, mas era nítido que a necropolítica israelense inspirava o governo e a sociedade no Brasil. De vez em quando eu postava no Instagram uma ou outra crítica a esses governos, sem muito impacto ou alarde.

Aí veio o ataque brutal do Hamas em 2023 e o subsequente massacre perpetrado por Israel. Ao acompanhar as notícias, eu me sentia com lugar de fala para criticar a destruição de Gaza já que muitos intelectuais se autocensuravam com medo da pecha de antissemitas. Meu ativismo limitou-se a *stories* de Instagram, discussões com familiares e amigos – pessoalmente e em grupos de WhatsApp – e manifestações de rua. Não embarquei nas flotilhas, não doei dinheiro para organizações humanitárias, não protestei em frente à embaixada de Israel e não discursiei em eventos políticos. Somente em 2025 postei uma série de vídeos no meu Instagram, que duram uns 40 minutos no total, expondo a minha visão sobre o conflito. Ali coloquei para fora dois anos de densas leituras e centenas de horas de *podcasts* ouvidos. Enfim, um ativismo de sofá,

eu sei. Mas era o que cabia dentro da angústia de ver, de longe e impotente, um genocídio ser perpetrado por um país que falava em nome da minha tribo.

4. RUPTURA DE RELAÇÕES PESSOAIS

O que mais gerou polêmica e hostilidade contra mim e minha militância de sofá foi uma foto em que eu segurava a bandeira da Palestina em uma manifestação de rua. No *post* eu escrevi algo como: “Se meus avós sobreviventes do Holocausto estivessem vivos, teriam orgulho de mim porque eles saberiam reconhecer um genocídio”. Entendo que essa postagem foi ofensiva para judeus em vários níveis: a) era um judeu com bandeira da Palestina; b) fazia menção ao totem sagrado do Holocausto, cometendo a blasfêmia de compará-lo a outro genocídio e tirando-o do pedestal de sua singularidade; c) quem estava cometendo o genocídio era ninguém menos do que o país criado por e para sobreviventes da *Shoá*.

Soube que essa foto circulou em grupos de WhatsApp de conhecidos de Curitiba, de outros lugares e da minha família. Xingamentos abundaram. Também recebi ameaças. Discuti em grupo de família, fui excluído por um parente próximo, que também me bloqueou de seus contatos. Meus pais, temendo por minha segurança, me aconselharam a não me manifestar, ainda mais agora que eu estava prestes a me tornar pai. Em suma, a hostilidade a mim não veio da esquerda nem da direita, mas de membros radicalizados da minha própria tribo. Ou melhor, da minha tribo, que estava radicalizada.

Ao longo desses anos vi e ouvi argumentos absurdos para me fazer mudar de ideia. Um exemplo: fui muito feliz como professor na UFSM, mas eu queria voltar a morar em uma cidade grande e fiz concursos para outras universidades federais. Eu era o primeiro da lista de espera em concursos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade de Brasília (UnB), mas a vaga não abria e o prazo estava se esgotando. Um parente próximo atribuía isso a um antissemitismo velado, pois as altas cúpulas do poder não queriam me ver em Brasília ou em Porto Alegre. Você escuta uma coisa dessas e pensa: quão delirante e paranoico é isso? Quão importante eu ou a minha origem somos a ponto de haver um complô para me manter em uma cidade distante? No fim das contas, fui chamado para uma vaga na UFRGS e cá estou, feliz e realizado.

Outro exemplo: fui visitar um amigo que acabara de ser pai. Visita amena, papo furado. Até que na despedida ele disse: “Acho uma vergonha que você, como intelectual, não tenha se posicionado a favor de Israel”. Eu disse que estava lá para conhecer o seu filho e que aquele não era o momento de falar disso. Mas o tom de traição era evidente.

Nas manifestações esporádicas pelo Instagram em favor da Palestina ou contra a ação de Israel em Gaza eu recebia algumas mensagens de conhecidos judeus. A maior parte resultou em conversas civilizadas apesar de divergências cruciais que acentuavam a sensação de solidão. Mas em grupos de WhatsApp a coisa era diferente. Em um com três amigos de infância, o tom era de que a guerra é ruim, mas necessária em face ao ataque do Hamas e eu era conclamado, a todo momento, a co-

mentar algum tipo de maldade cometida contra judeus ou contra Israel. O mantra, repetido por quase todos os judeus que conheço, inclusive ali no grupo, é que Israel estava em paz e foi atacado primeiro. Também circulava o famigerado mapa do Oriente Médio dizendo que os palestinos têm dezenas de países para onde ir e que os judeus só têm Israel – como se o Brasil invadis-se o Uruguai e dissesse que os uruguaios poderiam se mudar para a Argentina porque falam espanhol e têm fortes laços culturais. O esforço que exauria minhas energias era o de dizer que isso tudo não começou no 7 de outubro e que, como diz a música do Rappa, paz sem voz não é paz, é medo.

Também participei de um grupo de WhatsApp com judeus ditos progressistas majoritariamente de Porto Alegre, mas também de outros lugares do país. Pessoas estudadas que conversavam sobre antissemitismo, antissionismo e a guerra em Gaza. Até mesmo nessa bolha do sionismo de esquerda, para cada mensagem de crítica à direita surgiam dez mensagens de crítica à esquerda. Uma pesquisadora de antissemitismo chegou a atribuir a Lula a pecha de antissemita por supostamente fazer referência ao libelo de sangue medieval quando disse que Israel estava matando crianças. Ora, o fato é que Israel estava matando crianças de forma sistemática, ao vivo e a cores, e denunciar isso não torna ninguém antissemita. Um comentário (do perfil de Luis Kras, que desconheço) na página do Coletivo Golem Brasil sobre a preferência do progressismo judaico em atacar a esquerda merece a seguinte citação direta:

Dos 91 posts do coletivo, 25 são contra a esquerda, destes 15 nominalmente no card de abertura, outros 12 são contra movimentos “ditatoriais”, 4 são contra a direita e apenas 2 a favor da esquerda na figura de Vladimir Herzog. Sobre outras ditaduras apoiadas pelos EUA: zero. Sobre genocídios em curso no mundo: zero. Sobre casos de Antissemitismo na direita: zero. Sobre células nas fascistas no Brasil e no mundo: zero. O estranho mundo do progressismo judaico. De resto, sim, existe Antissemitismo na esquerda. Assim como na direita e no centro. Mas não pode ser usado como aríete para defender a máfia que governa Israel. Continuarei fazendo a estatística da tendenciosa abordagem do coletivo, assim como várias outras figuras que só cobram coerência e valores da esquerda.

Aguntei uns três meses no grupo dos ditos progressistas depois de perceber que estava dando murro em ponta de faca. O peixe fora d’água ali era eu.

Essa dissonância cognitiva entre valores humanitários e identidade judaica batia cada vez mais forte em mim. Para um dos entrevistados de Bento (2025, p. 151), há padrões nesse momento inicial, uma sensação de estar perdido ou de não saber o que fazer, de achar que tem algo de errado consigo e não entender, de solidão. E em seguida detalha o doloroso processo de descoberta que carrega, em si, uma escolha entre investigar o que Israel faz e fez e destruir sua identidade, ou fingir que isso não está aí e manter-se dentro da sua comunidade:

Eu acho que muita gente faz um momento de escolha, começa a perceber que, se vai mergulhar nisso, nesse processo de descoberta, vai ruir tudo. Então tem gente que para ali e faz uma escolha assim: “ou eu mergulho ou não mergulho nisso. Eu finjo que não vou olhar

para isso daí”, que suprime uma consciência que tem ali alguma coisa que está profundamente deslocada dos próprios valores. Eu nomeei isso, na minha pesquisa, como uma escolha que a pessoa precisa fazer: ou ela abandona os valores e se apega à identidade ou ela abandona a identidade e se apega aos seus valores, porque muitas dessas pessoas vão viver uma dissonância cognitiva (Bento, 2025, p. 151).

Existe um *modus operandi* da *hasbará*, o nome da diplomacia pública de Israel que significa, literalmente, explicação. A sequência é a seguinte: a) algum tipo de violência ou atrocidade é cometido pelo Estado ou por cidadãos de Israel; b) surge uma comoção na opinião pública sobre o fato, culminando em críticas legítimas; c) uma fração ínfima das críticas usa vocabulário antissemita; d) pessoas e instituições judaicas e de Israel usam desta fração para deslegitimar as críticas e deslocam o eixo do debate para o antissemitismo, ofuscando a violência inicial ligada a Israel.

Exemplo disso é o caso dos torcedores do Maccabi Tel Aviv que viajaram a Amsterdã para acompanhar um jogo da Liga Europa contra o Ajax em 2024. Na véspera do jogo os visitantes tocaram o terror na cidade, agrediram pessoas, depredaram propriedades e entoaram cânticos de morte aos árabes e de celebração da destruição de Gaza. Após a partida houve respostas violentas com perseguições e brigas de rua. Dentro dessa retaliação houve referências antissemitas em cânticos, por exemplo. Em seguida, pessoas e instituições judaicas passaram a denunciar um suposto antissemitismo na Holanda como se *hooligans* israelenses nada tivessem feito – deslocando o eixo do debate e ofuscando o vandalismo inicial dos estrangeiros.

Foi nesse contexto que me decepcionei até com os poucos amigos e conhecidos judeus de esquerda. Em pouquíssimos casos consegui conversar com quem admitia que a coisa não começou em 2023, nem com as Intifadas de 2000 e de 1987 e nem com a ocupação de territórios palestinos em 1967. Em geral, eram conversas que partiam de um denominador comum, mas que divergiam quando um lado via o Hamas como principal culpado e o outro (eu, no caso) não.

Até o Museu do Holocausto de Curitiba decepcionou. O trabalho de educação e conscientização contra preconceito e intolerância feito por sua equipe é fantástico. Tenho orgulho de saber que os depoimentos dos meus avós estão expostos lá. Mas, poxa vida, em pleno corredor que leva ao museu o visitante se depara com uma imensa insígnia das IDF. Pode ser mera casualidade? Pode. Mas por que a instituição não se manifesta sobre a questão palestina?

É inacreditável como as instituições judaicas apoiam e buscam vínculo constante com Israel. Quando ocorre um ciclo de violência mais agudo, além da violência estrutural cotidiana sobre os palestinos, os indicadores de antissemitismo vão às alturas porque críticas legítimas a Israel são equiparadas, pelas mesmas instituições, a antissemitismo. A diáspora faz força para ter sua imagem atrelada a Israel, mas quando a barbárie contra palestinos atinge níveis mais severos do que o “normal” os argumentos são “a comunidade judaica é plural” ou “judeus não são responsáveis pelas ações de Israel”. Ora, então vamos repensar o alinhamento quase automático a tudo que remete a este país?

Por outro lado, recebi mensagens de parentes, conhecidos e desconhecidos judeus elogiando a coragem de me expor, dizendo que não podiam fazer o mesmo por questões familiares e profissionais. Temiam retaliação, demissão ou perda de clientes. E isso de fato ocorreu nos EUA com a demissão sumária de professores judeus acusados de antissemitismo.

Nessa errância identitária tentei me conectar até com os membros da StandWithUs que fizeram palestras em Porto Alegre no fim de 2025. Mentira, eu imaginava que não conseguiria me conectar. Ainda assim, fiz questão de comparecer aos eventos para ouvir e manifestar o contraditório. Há algum tempo eles têm criado colunas de formadores de opinião com seus cursos de “complementação acadêmica”. Algumas das barbaridades mais tendenciosas que vi nesse evento seguem abaixo.

Conforme esperado, o Irã foi retratado como a encarnação pura e perfeita do mal na Terra sem mencionar que o país se tornou uma força expressiva no Oriente Médio graças à derrubada do Iraque de Saddam Hussein pelos EUA em 2003. Também se dizia que o Hamas coopta palestinos que “perderam tudo” sem se dar ao trabalho de dizer quem tomou tudo deles. Ainda, adotou-se o entendimento da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) de antissemitismo, equivalendo-o a antissionismo. Outro palestrante desenterrou a tese criticada por quase toda a comunidade de relações internacionais sobre o choque de civilizações de Samuel Huntington para justificar as ações de Israel. E ainda ouvi o relato de um

jornalista judeu gaúcho que visitou Israel a convite do governo – sem esboçar qualquer reflexão crítica do que viu, que é o mínimo que se espera de um jornalista.

Admito que fui um espectador incômodo e aponte algumas contradições do que se expunha ali. Perguntei ao jornalista se ele fora levado a conhecer Sde Teiman. Quando citei a frase atribuída a Ben Gurion de que “se ele fosse árabe não faria a paz com os sionistas”, houve um burburinho de comoção e negação no público – porque é horrível descobrir que nossos ídolos têm pés de barro. Perguntei sobre as 800 mil prisões administrativas feitas por Israel desde 1967 (número divulgado no jornal *Haaretz*), sobre os assentamentos ilegais, sobre a caracterização de genocídio em Gaza feita por ONGs de direitos humanos, juristas renomados e cortes internacionais, sobre a aproximação das instituições judaicas no Brasil com a extrema-direita e muito mais. Em um dos eventos fui xingado por alguém da plateia, em outro gritaram que não era meu momento de dar palestra. Admito que me empolguei no tempo, gastei alguns minutos questionando cada fala, mas se fosse em tom de elogio, as hostilidades certamente não viariam.

Em suma, o depoimento de outra entrevistada por Bento (2025, p. 85) ilustra a dor e o custo emocional de fazer o rompimento com o sionismo:

[...] fazer esse rompimento não é só você ver porque, sobretudo, as pessoas de esquerda veem tudo, têm acesso ao mesmo material que a gente tem ou viaja e vê as mesmas coisas, mas esse rompimento interno, a maioria tem que romper com a família porque não tem jeito, a sua família que não quer saber de você de maneira geral. Ou você tem que romper porque é insuportável as coisas que

você tem que ouvir, você não aguenta. Então é muito difícil, eu acho que precisa de muita coragem.

5. BUSCA POR NOVAS CONEXÕES

Ao longo desses anos busquei novas conexões e fontes de informação. O primeiro tipo de conexão era a identificação com judeus que pensavam como eu e, inevitavelmente, a maioria estava nos EUA. O primeiro *podcast* que me marcou foi o Bad Hasbara dos humoristas Matt Lieb e Daniel Matté (este, filho do ilustríssimo médico Gabor Matté – sobrevivente do Holocausto e profissional que atende pessoas traumatizadas pela guerra).

Virei fã do professor Peter Beinart depois de ler seu livro *Being Jewish after the Destruction of Gaza* (2025). O que mais me marcou em seu pensamento é quando diz que ninguém te olhará torto em qualquer sinagoga por criticar ou duvidar da existência de Deus ou por descumprir alguma *mitzvá*.⁷ Mas levantar o dedo para criticar Israel é punível, no mínimo, com o ostracismo social. A partir disso, o autor afirma que Israel tornou-se o bezerro de ouro dos hebreus: uma construção humana, portanto falha, que tomou o lugar de Deus como objeto de adoração. Referência semelhante é feita pelo meu amigo Airan Milititsky Aguiar (2023) em seu artigo sobre a figura do Golem na mística judaica e a estadolatria a Israel. Como judeu observante, Beinart nos provoca a sair da condição de vítima eterna e mostra que houve momentos em que nosso povo foi, de fato, o opressor. Um exemplo é o de Purim, em que depois de executar Haman, o rei persa autoriza os judeus a

⁷ Obrigações de comportamentos éticos atribuídas a todo judeu de acordo com o Velho Testamento.

vingarem-se da tribo do seu algoz matando dezenas de milhares de pessoas. É claro que as perseguições são uma marca de um povo tão diaspórico como o nosso, mas instrumentalizar o antissemitismo para justificar as atrocidades de Israel é inaceitável.

Também me tornei fã de Simone Zimmerman, a produtora de “Israelism” e acompanho suas inserções na mídia convencional e em *podcasts* de entrevistas. Grupos como o *Jewish Voices for Peace*, que fazem pressão no governo dos EUA com manifestações em massa, dão um alento de esperança, assim como intelectuais judeus como Naomi Klein e Katie Bogen. Outro ativista que me chamou a atenção é Jacob Berger, judeu americano que se mudou para o Egito para ajudar refugiados palestinos. E claro, há uma menção honrosa ao escritor judeu-americano Philip Roth e um livro em especial: *Operação Shylock*.

De Israel, acompanho a atuação da *Standing Together*, especialmente a militância de Alon Lee e o *podcast* *The Long Answer*, feito por uma judia israelense (Jess Bricker) e uma árabe israelense (Sally Abed). A conversa entre ambas, e entre elas e convidados rotativos, chega a um ponto tão sensível quanto profundo. Não consigo imaginar a crise de identidade vivida por árabes israelenses – vistos como quinta coluna pelos judeus israelenses e como uma espécie de traidores pelos palestinos despossuídos nos territórios ocupados.

Dentre os árabes que me instigam a pensar sobre o tema está Bassem Youssef. O médico e humorista egípcio radicado nos EUA ganhou notoriedade após participar do programa *Piers Morgan Uncensored*. Há também o fenomenal jornalista Mehdi Hasan, que trabalhou na mídia *mainstream* dos EUA e apresentava

um programa de debates chamado *Head to Head* na Inglaterra. Hoje ele tem seu próprio canal no YouTube, o Zeteo, e dá espaço a vozes alternativas.

Uma série que mexeu comigo e me fez entender a tragédia do exílio palestino (e de todo exílio forçado) é a série “Mo”, protagonizada pelo humorista Mohammed Amer. Em um misto de drama e humor, a série retrata os dilemas da apatridia e da construção de identidade de quem foi obrigado a fugir de sua moradia e já não se sente em casa no país hospedeiro nem em sua terra natal.

Do Brasil, há intelectuais que me agradam, como Michel Gherman e Bruno Huberman. Ambos divergem muito entre si, mas têm como denominador comum o humanismo judaico. O livro publicado por Gherman, intitulado *O não judeu judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo* (2022), discorre com maestria sobre a relação entre o Estado e a sociedade brasileira e a comunidade judaica que aqui fincou os pés e a alma. Seu ponto de partida é a palestra feita por Bolsonaro em 2017 no clube A Hebraica do Rio de Janeiro em campanha eleitoral, quando se referiu a comunidades quilombolas em termos racistas e solidificou o vocabulário nazista que daria o tom do seu governo. Gherman é uma voz sionista que mostra com rigor acadêmico a ladeira escorregadia que levou boa parte dos judeus brasileiros a abraçarem a extrema-direita. Ele argumenta que os judeus deixaram de ser um dos grupos preferenciais de perseguição do Estado e por não estarem mais entre a cruz e a espada deixaram de lado os valores humanistas que caracterizaram as gerações anteriores para encarnar a imagem do judeu imaginário e da Israel bíblica.

Já a tese de Bruno Huberman tem como objeto a “colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo” (2020) e, por meio de uma chave marxista e antissionista, identifica traços clássicos de imperialismo por parte do sionismo e de Israel, como a espoliação, o roubo e o uso da força sobre quem morava lá antes das migrações judaicas. Seu ponto final é a urbanização de Jerusalém sob a lógica do empreendedorismo neoliberal, mas boa parte do estudo dedica-se ao que veio antes disso. E assim como intelectuais judeus dos EUA, Bruno sofreu pressão ao ter de responder a uma acusação nebulosa, feita também ao professor Reginaldo Nasser, de antisemitismo na universidade em que lecionam, a PUC-SP. Até onde se sabe, o caso foi encerrado sem comprovação alguma, A melhor cobertura sobre o assunto foi feita pelo *podcast* da Rádio Escafandro número 143, “Sob a sombra de Israel”.

Ainda pelo viés marxista, Breno Altman tem se destacado com a publicação de livro, palestras Brasil afora e muito conteúdo no Opera Mundi. Seu estilo eloquente e direto não ofusca a profundidade e o embasamento de seus argumentos, ainda que eu não concorde com tudo o que diz, especialmente com o uso excessivo de adjetivos, caracterizando o sionismo como o grande mal do mundo. Mas seu argumento central, de que Israel decorreu de um projeto colonial e que há em curso um genocídio executado por um regime de *apartheid*, é incontestável.

Passei a admirar o trabalho da professora Arlene Clemesha, em especial seu livro sobre a relação entre os judeus e o marxismo (2025). Em entrevista para o *podcast* Guilhotina, do *Le Monde Diplomatique*, ela sugeriu uma crise de consciência do judaísmo em face a Gaza

– o que gerou comoção e raiva entre os “patrícios” por ela não ter lugar de fala. Também mostrou em seu livro que a convergência entre judaísmo e sionismo nos séculos XIX e XX não foi natural e inevitável, destacando o papel de inúmeros líderes judeus na esquerda europeia antes da criação de Israel.

Mais do que isso, essa temática me traz muito orgulho, pois mostra o peso que intelectuais judeus tiveram na formação do pensamento ocidental durante e após o Iluminismo. Esse iluminismo judaico, conhecido como *Haskalá*, foi de Marx a Einstein, passando por Kafka, Freud, Buber, pelos pensadores da Escola de Frankfurt e mais uma infinidade de nomes.

Outro livro crucial é *O judeu pós-judeu: judaicidade e etnocracia*, de Bentzi Laor e Peter Pál Pelbart (2024). Um dos capítulos mais marcantes mostra a discrepância entre o tesouro filosófico e espiritual do judaísmo e a criação de uma etnocracia que tende a sequestrar essa herança e a anular visões divergentes, externas ao sionismo. O livro mostra como a culpa histórica da Alemanha fez com que o Holocausto fosse elevado a evento único e não comparável a outros genocídios, deixando em segundo plano as brutalidades cometidas por europeus nas suas colônias ultramarinas, além de consolidar a ideia de que antissionismo equivale a antissemitismo.

Na literatura, o judeu gaúcho Michel Laub escreveu um livro chamado *Diário da queda* (2011) que conta de forma autobiográfica a vida de um menino judeu, neto de imigrantes, na escola judaica de Porto Alegre. A crueldade que surge entre as crianças nesse microcosmo de filhos e netos de pessoas traumatizadas pela guerra, que discernem judeu de *goy*, rico de

pobre, forte de fraco e amigo de inimigo dos judeus é muito bem trabalhada e remete ao que eu mesmo vivi na minha infância. Isso porque qualquer escola é um sistema aberto, as relações entre as crianças e entre elas e os trabalhadores são permeadas pelas expectativas e vontades dos pais.

Ainda no mundo da intelectualidade, a professora Carla Habif foi um achado das palestras no Hillel do Rio. Sua pesquisa sobre resistência civil e movimentos não violentos em Israel e na Palestina (2024) é interessante e revela uma alternativa possível para o conflito.

Eu sei que você pode me julgar pela quase ausência de nomes árabes e/ou palestinos, ainda que eu tenha frequentado eventos de coletivos pró-Palestina. Admito que essa autoetnografia tem um viés, uma projeção, uma busca por semelhantes, por quem é judeu “como eu”. Eu me vejo toda vez que cada uma dessas pessoas acima mencionadas, e muitas outras, começam um depoimento dizendo que vieram de uma família judaica não muito praticante, não muito sionista, mas com uma conexão quase natural com Israel e que, em algum momento, se viram sufocados por essa bolha e foram compelidos a romper laços afetivos por não endossar o senso comum.

É uma espécie de dilema da caverna de Platão. Por algum gatilho, seja antes, seja depois do 7 de outubro, essas pessoas, assim como eu, entortaram o pescoço, olharam para fora da caverna e enxergaram um mundo muito mais complexo do que aquele das sombras que são projetadas na parede. A visão da diáspora judaica, via de regra, é isto: um achatamento de sombras idealizadas, tanto do antisemitismo quanto da terra de leite e mel idílica onde judeus vivem em segurança

e dão as mãos numa eterna dança de *Hora*. Na metáfora de Platão, quem volta para relatar o que viu é taxado como louco e é morto pelos prisioneiros que resistem a perder suas ilusões. No nosso contexto, a morte é simbólica, é a exclusão e o exílio afetivo.

6. “É PRECISO SAIR DA ILHA PARA VER A ILHA”

Esta frase de José Saramago explica o que escrevi até agora. Nunca me senti plenamente dentro da ilha, por isso foi mais fácil sair dela. Estudei na Escola Israelita de Curitiba, onde mais da metade da minha turma era composta por filhos de grandes e megaempresários ou de profissionais liberais de classe média alta. Ter sido um dos “não ricos” da turma, que naquele contexto correspondia a não ser servido por babás, empregadas domésticas, motoristas particulares e carros e apartamentos de luxo, me fez ver o peso da classe nas relações sociais e me obrigou a buscar amigos e visões de mundo do lado de fora daquela ilha.

Por outro lado, ter participado por muito tempo do movimento juvenil Habonim Dror foi crucial para me descobrir como educador. Vivi bons momentos e aprendi muito sobre os pensadores sionistas e a história de Israel contada pelo “nosso” lado. Mas tenho consciência de que a história palestina passou despercebida e que muitas das brincadeiras envolviam a emulação de atividades militares das IDF. Segundo depoimento de um dos entrevistados de Bento (2025), essa socialização com componente militar casa com o que se vê quando se visita Israel: “quando as pessoas chegam lá e vão visitar, elas acham tudo bonito, tudo faz parte de uma estética, faz parte de uma narrativa

onde o belo, o bom e o sagrado estão relacionados com os elementos do soldado, da arma, uma mitologia de uma defesa”.

Fiz Bar-Mitzvá, frequentei aulas e *shabatot* no Beit Chabad e fiz duas viagens subsidiadas com esta instituição: aos 19 anos passei cinco semanas na Escola Rabínica (*Yeshivá*) de Morristown, em Nova Jersey, e dois anos depois participei do Projeto Alicerces – uma viagem pelo leste europeu para conhecer os lugares de onde vieram nossos antepassados *ashkenazim*. Joguei campeonatos de futsal pelo Centro Israelita do Paraná, frequentei eventos sociais, mantive algumas poucas amizades e não tive mais contato com as inimizades. Tudo isso fez de mim o que sou hoje. Não consigo e não quero me libertar de algumas das estruturas psicossociais construídas por experiências boas e ruins que tive nesse mundo. Mas não posso me limitar a elas. No livro *Caminhos divergentes judaicidade e crítica do sionismo*, Judith Butler diz que é surpreendente que muitas pessoas acreditam que “afirmar a judaicidade é afirmar o sionismo” e que também é preocupante que muitos judeus reneguem sua judaicidade por não aceitar as políticas do Estado de Israel. Eu me somo a ela nesse esforço de valorizar a herança judaica sem endossar o que o sionismo tem feito em seu (e em meu) nome.

Antes do fim, prometi que voltaria ao tema do antissionismo. Apresento todos os sintomas para ser um judeu antissionista, mas até agora não conseguia me definir assim. Afinal, por que apenas os judeus não têm direito à autodeterminação? Se os armênios conquistaram seu Estado após sofrerem um genocídio nas mãos do Império Otomano, por que aos judeus é vetada essa

opção? O caráter diaspórico deste povo é justificativa suficiente para que não possa ter sua identidade atrelada a um Estado?

Por outro lado, por que essa autodeterminação precisava ocorrer onde os judeus eram menos de 3% da população? Se o sionismo foi um empreendimento secular, por que a escolha do lugar foi com base na religião? E em sendo na Palestina, tão distante dos grandes centros demográficos judaicos dos séculos XIX e XX, a criação de um Estado binacional não teria sido mais condizente com a essência diaspórica e de alteridade da judaicidade?

Em meio a esse conflito de ideias tento me prender na ilusão do contrafactual, em dois caminhos que poderiam ter sido seguidos. O primeiro seria a construção de um Estado onde os judeus eram a maioria ou próximo disso em algum rincão do leste europeu, no entreguerras ou no pós-guerra. Ora, um punhado de Estados surgiu do esfacelamento dos impérios russo, alemão, austro-húngaro e turco após a Primeira Guerra Mundial. Por que um Estado iídiche não foi nem cogitado nesse contexto? Essa é a provocação de fundo que aparece no livro *Operação Shylock*, de Philip Roth.

O segundo, seria abrir mão da autodeterminação plena para construir um Estado binacional, com direitos iguais para judeus e não judeus na Palestina. Os outros nacionalismos europeus construíram Estados onde já havia nações com maioria demográfica. O sionismo tinha o desafio de ser excepcional - construir um Estado para uma nação que não era maioria em lugar algum. E para se tornar maioria em algum lugar precisaria despojar quem lá estava, fosse comprando ou ocupando terras. Mas o sionismo real não foi excep-

cional, foi apenas mais um nacionalismo europeu que buscou um Estado para uma nação. Não interessa se as pessoas que lá moravam se viam como uma nação palestina, árabe ou não, se almejavam um Estado próprio ou não. O fato é que sofreram prejuízos materiais e imateriais irreversíveis por conta do sionismo e seu ressentimento é legítimo. Se a lei do retorno vale para judeus após dois milênios de exílio, por que não vale para palestinos deslocados pela Nakba há menos de um século? Peter Beinart (2025) questiona: se África do Sul, Irlanda do Norte e os estados do sul dos EUA tornaram-se sociedades menos cruéis com o fim das leis de segregação, por que é tão difícil pensar o mesmo para Israel-Palestina?

Segundo Hilan Bensusan (*apud* Bento, 2025, p.89):

[...] “é como judeu que cresceu sentindo com todas as forças a história desse povo e mesmo as lutas em torno do sionismo é que eu olho para o que ocorre agora e penso que quem fala pelos judeus e quem fala pelo sionismo não entendeu nada”. O sionismo não está autorizado a reivindicar a identificação com os valores judaicos porque “os judeus que bombardeiam Gaza e defendem sua supremacia nos territórios ocupados e nas cidades onde palestinos/as residem fazem de sua história uma variante das histórias das nações europeias que colonizaram o mundo porque tinham armas e certezas para tanto”.

A provocação de Butler é esta: se o elemento diaspórico da convivência com o “outro” está tão presente nos valores judaicos, por que é tão difícil resgatá-lo em Israel? Talvez este tenha sido o pecado original do sionismo: ter sido a mimetização dos nacionalismos europeus sem considerar que a nação que ocuparia o novo Estado era singularmente diaspórica. Portanto,

esse sionismo materializado em 1948, que se tornou expansivo e mais excludente após a ocupação de Gaza e da Cisjordânia em 1967, ainda mais repressivo após a Intifada de 1987, que flerta com o fascismo desde a ascensão de Netanyahu em 1996 e genocida após 2023, não me representa. Não me resta alternativa a não ser me declarar antissionista. Sinto um pesar imenso por abandonar qualquer resquício de esperança na autodeterminação nacional do povo judeu com valores humanistas. Mas também sinto vergonha por ter levado tanto tempo para perceber o caminho que essa ideologia tomou.

Termino essa autoetnografia incentivando que mais judeus façam esse esforço de sair da ilha, olhar para trás, enxergar as lacunas em suas formações e repensar a questão da alteridade na judaicidade. Em um mundo de algoritmos movidos por conflito e engajamento, sei que essa é uma tarefa árdua. Você deve ter percebido que as “novas conexões” que fiz não são, de fato, conexões pessoais. São pessoas públicas, escritores e produtores de conteúdo cujo trabalho passei a admirar. Mas sei que há mais gente anônima por aí com a mesma inquietação se conectando entre si, inclusive comigo. Há coletivos se formando, como o Vozes Judaicas por Liberdade, atividades educativas sendo feitas e um sentimento meio difuso de “não em nosso nome”. Sair da ilha de Saramago ou da caverna de Platão não é fácil, o custo emocional é alto. Mas tenho orgulho de poder dizer para o meu filho, no futuro, de que lado seu pai esteve quando esse delírio coletivo ganhou forma.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Airan Milititsky. *Entre o punho e a palavra: a alegria do Schabbat, o Golem e o Estado de Israel*. XIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, 2023.

BEINART, Peter. *Being Jewish after the Destruction of Gaza: A Reckoning*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2025.

BENTO, Berenice. *Dispositivo sionista e seus descontentes: histórias de pessoas judias antissionistas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2025.

BUTLER, Judith. *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e judaísmo: história de uma relação difícil*. São Paulo: Boitempo, 2025.

GHERMAN, Michel. *O não judeu judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo*. São Paulo: Fósforo, 2022.

HABIF, Carla Albala. *Construindo shalom/salam: uma análise sobre o papel da não violência conjunta entre palestinos e israelenses e da criatividade do sujeito pacificador*. Tese (Doutorado) – PPG em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2024.

HUBERMAN, Bruno. *A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel*. PPGRI San Tiago Dantas, 2020.

LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Bruno Hendler



Bruno Hendler. Professor adjunto do curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI-UFRGS). Doutor em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI-UFRJ) (Área de Ciência Política/Relações Internacionais), mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB, 2012) e bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba (Unicuritiba, 2010). Coordenador do Grupo de Pesquisa Observatório da Transição de Poder (OTP-UFRGS) e pesquisador membro do grupo de pesquisa em Economia Política dos Sistemas-Mundo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do grupo de pesquisa LabChina, vinculado ao PEPI-UFRJ. Pesquisa acadêmica e publicações nas seguintes áreas: Política Internacional; Economia Política Internacional; Economia-Política dos Sistemas-Mundo; Relações China-Sudeste Asiático e China-América Latina.

ARTIGOS DE BRUNO HENDLER PUBLICADOS NO IHU

- Os judeus que dizem não ao sionismo. Artigo de Bruno Hendler

ENTREVISTAS COM BRUNO HENDLER REALIZADAS PELO IHU

- O mundo pós-pandemia gravitará em torno do G-2: EUA e China. Entrevista especial com Bruno Hendler
- A China e a Revolução 4.0. Uma nova hegemonia mundial? Entrevista especial com Bruno Hendler
- A crise sistêmica e a ascensão chinesa. Entrevista especial com Bruno Hendler

EVENTOS COM BRUNO HENDLER NO IHU

- Ciclo de Estudos – A China e o mundo. A (re) configuração geopolítica global
- Investimento direto e comércio exterior. A abordagem da China para o Brasil e a América Latina
- A ascensão chinesa e o declínio norte-americano: caos sistêmico ou um possível G-2 sino-americano?

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella

- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Feraboli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz

 UNISINOS